

Midiatização e Escola: dos discursos às práticas

Elisangela Rodrigues da Costa

Jornalista, Pedagoga, especialista e Globalização e Cultura, Mestre em Ciências da Comunicação e doutoranda em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), sob a orientação de Ismar de Oliveira Soares. Área: Interfaces Sociais da Comunicação. Linha de Pesquisa: Comunicação e Educação.

Resumo: A exigência da inserção e interação com os processos comunicacionais, um dos requisitos da condição comunicativa contemporânea, corrobora na alteração da finalidade inicial de diversas instituições. Neste artigo, a análise será acerca das mudanças provocadas pela midiatização na escola.

Palavras-chave: Midiatização; comunicação; educação; dispositivo.

Abstract: The requirement of integration and interaction with the communication processes, one of the requirements of contemporary communicative condition, supports the change in the initial purpose of various institutions. In this article, the analysis will be about changes caused by mediatization at school.

Keywords: mediatization; communication; education; device.

1 – Introdução

É preciso considerar que os meios de comunicação assumiram um papel organizador importante, tal como um “controlador”, sendo assim, torna-se essencial tratar da midiatização no ambiente escolar, a partir dos discursos e práticas instituídos.

Hoje, o circuito comunicativo-tecnológico é tão inerente ao cotidiano das novas gerações de alunos que marcam o seu perfil, “obrigando” os docentes a buscarem apoio e novos conhecimentos no tratamento com as questões midiáticas

Nesta assertiva, os dispositivos tornam-se “invasores” deste espaço de ensino formal e dependem de uma variedade de mediações para o selamento de uma espécie de “pacto com a realidade educativa”.

A proposta deste artigo é tratar acerca das modificações ocasionadas pela midiatização no ambiente educacional, por meio da construção de um caminho dialógico, elaborado a partir de conceitos como: mídia, cultura, comunicação, mediação, entre outros. Inicialmente há um resgate histórico acerca do contemporâneo, da contextualização da sociedade midiática, articula-se sobre de que forma este modelo social afeta as práticas pedagógicas, finalizando com um exemplo *in loco*.

1. A condição comunicativa contemporânea

Em *A Mídia e a Modernidade*, Thompson (2011) enfatiza a importância de se pensar nos meios em relação aos contextos práticos, nos quais os indivíduos produzem as formas simbólicas. Ele sustenta que o desenvolvimento da mídia transformou a constituição espacial e temporal da vida, criando novas maneiras de ação e interação, não mais ligadas ao compartilhar de um lugar comum.

Thompson defende como argumento principal de sua teoria que:

os meios de comunicação estão inextricavelmente ligados às formas de ação e interação que os indivíduos criam e das quais participam ao usar esses meios e nada ilustra esse ponto mais claramente que as formas múltiplas da ação e interação que foram criadas, ou expandidas e amplificadas, pela comunicação mediada pelo computador online (THOMPSON, 2011:10).

A proposta do sociólogo demonstra que a evolução dos meios – desde as mais remotas formas de impressão até os mais recentes tipos de comunicação eletrônica – foi uma parte integral do surgimento das sociedades modernas. Este caminhar midiático “se entrelaçou de maneira complexa com um número de outros processos de desenvolvimento que, considerados em sua totalidade, se constituíram naquilo que hoje chamamos de modernidade” (THOMPSON, 2011:24).

Na leitura do italiano Gianni Vattimo existe uma desorganização do real no modelo societário que vivemos devido à proliferação imagética e mercadológica que os meios comunicacionais perpetuam constantemente em suas mensagens, as quais parecem prender os indivíduos. A pergunta seria como ocorreria uma possível capacidade de libertação neste universo midiático? O próprio Vattimo (1992:14-15) responde:

Aqui a emancipação consiste mais no desraizamento, que é também, e ao mesmo tempo, libertação das diferenças, dos elementos locais, daquilo que poderíamos chamar, globalmente, o dialecto. Derrubada a ideia de uma realidade central da história, o mundo da comunicação generalizada explode como uma multiplicidade de racionalidades locais [...].

A constatação é que as relações socioculturais contribuem, atualmente, para a divulgação de uma variedade de signos e linguagens que se deparam com o discurso dos media, o que exige, para a compreensão das mensagens veiculadas, inúmeras interações do ser humano, como já descrito por Thompson. A comunicação se torna, portanto, um processo simultâneo e dependente das formações culturais.

Em outra abordagem, o sociólogo Manuel Castells defende que, para situar a questão da condição comunicativa contemporânea, é imprescindível falar de internet, pois “é o tecido de nossas vidas neste momento. Não é futuro. É presente. Internet é um meio para tudo” (2003:255).

Castells a denominou de “a sociedade em rede”,

justamente por acreditar que “ela é - e será ainda mais – o meio de comunicação e de relação essencial sobre o qual se baseia uma nova forma de sociedade que nós já vivemos” (2003:256). Para ele, o momento é caracterizado pela revolução tecnológica, centrada nos espaços digitais, com uma estrutura societária em rede em todos os âmbitos de atividade e com interdependência global.

A delimitação deste tipo social descrita pelo sociólogo como caracterizadora desta época, e responsável pelo novo momento da comunicação, aliada às teses de Thompson e Vattimo sobre a função determinante dos meios e sua interferência nas relações e comportamento dos indivíduos, afeta diretamente as instituições consolidadas e tradicionais, caso da escola.

Anterior a discussão no espaço educacional, propriamente dito, é importante o esclarecimento sobre de que maneira a mídia, como agência produtora de sentido, na atual sociedade, a partir de seus instrumentos, exerce forte papel no âmbito educacional, gerenciando discursos e provocando ações, de cunho pedagógico, sobre como transformar a realidade da Educação. Para tanto é essencial o entendimento desta sociedade midiática da qual tanto se fala.

2. Sociedade midiática: dos dispositivos à midiatização

2.1 Cultura (as) e mediação.

A transformação da sociedade “dos meios” em “midiatizada” é consequência da ruptura do chamado “face a face”, do “contato direto” entre os seres humanos, pela presença da mídia (LUHMANN, 2005).

Neste ponto, acrescenta-se que, a presença dos meios não se restringe mais a sua área de atuação, mas de seu deslocamento a outros campos. Sem contar, nos mecanismos e operações de produção que são apropriados como condições de funcionamento do discurso e simbologia de múltiplas práticas sociais, além da atribuição de produtores e organizadores de sentidos.

Para Jesús Martín-Barbero, os processos comunicacionais devem ser analisados sob o contexto sócio-histórico, em uma dialogicidade que conflui para a negociação de sentido, algo que vai se construindo nas relações.

Na introdução de *Dos meios às mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia* (1997), afirma que “a comunicação se tornou mais uma questão de media-

ção, questão de cultura e, portanto, não só de conhecimento, mas, de re-conhecimento” (MARTÍN-BARBERO, 1997:16).

Na concepção barberiana, a recepção midiática é compreendida como um processo de interação, no qual entre o indivíduo que emite e aquele que recebe existe um espaço de caráter simbólico e representativo preenchido pela mensagem. A comunicação é elaborada por meio de múltiplos fatores e essa diversidade factual interfere em sua recepção.

Ao tratar do conceito de socialidade, Martín-Barbero destaca que vivemos em uma sociedade que não tem centro porque as identidades que eram centralizadoras do sujeito também deixaram de sê-lo. A importante mudança foi reconhecer que a comunicação estava mediando todos os aspectos da vida cultural e social dos povos.

A consideração dos meios como estratégicos no ambiente cultural e a necessidade de um ajustamento das realidades entre os diferentes modos de aprender e apreender em nossa sociedade são fundamentais, sobretudo no jogo dialógico que as linguagens midiáticas estabelecem com os indivíduos e a sala de aula, local propício para a sua manifestação.

Ao revisitar sua obra, Jesús Martín-Barbero (2009:151-152) expõe que as mediações ocorrem em vias práticas e concretas. Ao que chama “mediações comunicativas da cultura”, ele destaca quatro que acredita serem fundamentais para o entendimento dessas ações: a tecnicidade, relacionada às tecnologias da informação e comunicação; a *institucionalidade*, crescente dos meios como instituições sociais e não apenas aparatos; a *socialidade*, já citada, que se refere às atitudes cotidianas de todos os sujeitos sociais em negociações; as novas *ritualidades*, que estão vinculadas aos novos formatos industriais advindos da tecnicidade.

A presença da tecnologia é fundamental neste contexto, entretanto, o diferencial são as relações originadas de sua presença e as novas configurações geradas por ela, como já apontado por Thompson. Nas palavras de Gianni Vattimo (1992), não é o espaço do consenso, mas do conflito, não é o espaço do comum, mas do oscilante, instável e mutável.

Nos finais dos anos 60, o francês Edgar Morin já destacava a existência de uma terceira cultura, aquela marcada pela comunicação de massa, ou simplesmente a *Cultura de Massa*, resultante da proliferação dos aparatos midiáticos, lembrando que Morin fazia referência à televisão.

Na atualidade, Henry Jenkins afirma que vivemos *A cultura da convergência*, “o fluxo de conteúdos por

meio de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre inúmeros mercados e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação” (2009:29). Sob a perspectiva de Jenkins, é possível a compreensão de que os velhos meios comunicacionais não estão sendo substituídos pelos novos, como se pensava; o que ocorre, em sua visão, é a mudança nas funções com a introdução de tecnologias.

O autor explica que a convergência não deve ser compreendida apenas como um processo tecnológico que une várias funções dentro dos mesmos aparelhos já que representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos (2009:30).

Das Culturas de Massa à da Convergência, há expressões que circulam livremente nos discursos sociais e que, no contexto deste artigo, necessitam de explicações, como é o caso do conceito de *dispositivo*.

2.2 Dispositivos, cultura da mídia e midiatização

O termo *dispositivo* era decisivo para Michel Foucault, sob a releitura do filósofo italiano Giorgio Agamben (2009), o francês usava a terminologia com frequência, a partir dos anos 70, sem necessariamente defini-la.

Revisando o vocábulo dos dicionários franceses, sob a concepção foucaultiana, Agamben divide o significado em três pontos: a) é um conjunto heterogêneo, linguístico e não-linguístico, que inclui virtualmente qualquer coisa no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis e medidas de polícia, proposições filosóficas, etc; b) possui sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre numa relação de poder; c) como tal, resulta do cruzamento de relações de poder e saber.

Por isso, para Giorgio Agamben o mundo está dividido em: *seres vivos e dispositivos*, originando uma terceira classe, resultante do contato entre estes, os sujeitos. Nesta perspectiva, ao ser capturado no dispositivo, seja ele qual for, um celular, televisão, não surge um “novo sujeito”, uma nova subjetividade, mas, ao contrário, há um lugar para um novo número, uma máscara de medir audiências.

É justamente nesta hibridização cultural, com a explosão de dispositivos sócio-técnicos, que se constituiu o contexto da midiatização, afinal, aquele paradigma de uma sociedade homogênea perante a convergência tecnológica é descartada. De acordo com Fausto Neto (2006:3):

[...] a sociedade na qual se engendra e se desenvolve a midiática é constituída por uma nova natureza sócio- organizacional na medida em que passamos de estágios de linearidades para aqueles de descontinuidades, onde noções de comunicação, associadas a totalidades homogêneas, dão lugar às noções de fragmentos e às noções de heterogeneidades.

Os meios estariam assim, fortemente em interação com outras dinâmicas socioculturais, nesta perspectiva é que o autor destaca o fato do funcionamento da atual sociedade ser perpassado por lógicas do que atribui ser a *Cultura da Mídia*, geradora do modo de existência vigente.

Muniz Sodré (2006) acrescenta uma quarta, às três formas de existência humana propostas por Aristóteles (vida contemplativa, vida política e vida prazerosa), pensando em um novo *bios*, uma espécie de quarta esfera existencial, a tecnocultura. Em sua visão, o conceito de midiática, ao contrário de mediação:

não recobre, entretanto, a totalidade do campo social, e sim, o da articulação hibridizante das múltiplas instituições (formas relativamente estáveis de relações sociais comprometidas com finalidades humanas globais) com as várias organizações da mídia, isto é, com atividades regidas por estritas finalidades tecnológicas, além de culturalmente afinadas com uma forma ou um código semiótico específico (SODRÉ, 2006:22).

Por isto, o dispositivo técnico-midiático aparece como “agente multifacetário”, fragmentador, capaz de modificar o caráter identitário do indivíduo e os aspectos da sociedade e da cultura tradicional. Em resumo:

Por midiática, entenda-se[...] o funcionamento articulado das tradicionais instituições com a mídia. A midiática não nos diz o que é a comunicação e, no entanto, ela é o objeto por excelência de um pensamento da comunicação social na contemporaneidade, precisamente por sustentar a hipótese de uma mutação sócio-cultural centrada no funcionamento atual das tecnologias da comunicação” (SODRÉ, 2007:17).

As diferentes classificações de “culturas”; seja da virtualidade real (Castells); da Mídia (Fausto Neto); das Massas (Morin) até da Convergência (Jenkins) para expressar a rapidez, grandes transformações sociais, tecnológicas, midiáticas até chegarmos à midiática, reforçam o questionamento sobre como a Educação, sobrevive a essa avalanche de alterações, o problema é como tra-

tar do pedagógico numa sociedade midiática .

Alguns autores já tratam disto, caso de Rosa Maria Bueno Fischer, que cunha o termo “dispositivo pedagógico da mídia”, fundamentada em Foucault, ao tratar da televisão, pois a considera:

um aparato discursivo (já que nele se reproduzem saberes, discursos) e ao mesmo tempo não discursivo (uma vez que está em jogo nesse aparato uma complexa trama de práticas, de produzir, veicular e consumir TV, rádio, revistas, jornais, numa determinada sociedade e num certo cenário social e político) a partir do qual haveria uma incitação ao discurso sobre “si mesmo” (FISCHER, 2002:155).

Fischer centraliza sua investigação nas estratégias da TV para se firmar como um local especial de “educar”, da “verdade”, ao realizar a apuração dos fatos (violências, crimes), e sobre a constante atribuição do concreto a TV, ou seja, o “ensinar como fazer” acerca das tarefas cotidianas.

A admissão da existência do diálogo entre as duas áreas Comunicação e Educação significa, como ressalta o pesquisador Adilson Citelli (ECA-USP), “constatar que não se aprende/aprende mais como ocorria em tempos dominados por ciclos do conhecimento constituídos, apenas, em torno da oralidade primária ou da escrita” (2006:163).

Neste sentido, é assumir a existência de novos paradigmas e metodologias, com os produtos do audiovisual e da esfera digital que obrigam a incorporação de outras linguagens, além da verbal na escola.

3. A Comunicação na Educação: dos conflitos à prática pedagógica

Atualmente, o ambiente escolar convive com uma gama de tipos discursivos que se entrecruzam por meio de códigos e signos singulares, mas, que se relacionam em elaborações híbridas.

Hoje, o que se observa é o ingresso na escola de um “novo aluno”, que olha, ouve, sente, sonha, percebe, fala de forma articulada, fragmentada e totalmente dependente das tecnologias: celulares, iPads¹, computadores e redes sociais (Twitter², Facebook³,

1 *IPad*: dispositivo em formato tablete (tablet) da empresa Apple.

2 *Twitter*: rede social que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais em textos de até 140 caracteres.

3 *Facebook*: rede social lançada em 2004. Nela, os usuários criam perfis que contêm fotos e listas de interesses pessoais, trocam mensagens privadas e públicas entre si e participam de grupo de amigos.

YouTube⁴, Messenger⁵).

Mauro Wilton de Sousa (2006) resgata os diversos sentidos que as práticas escolares vêm assumindo no contexto sócio-histórico.

O autor propõe que atualmente há pelo menos três direções que marcam essas modificações, destacando o papel das mediações socioculturais da contemporaneidade. Aponta: a mudança do modelo de sociedade derivado da modernidade capitalista que caracterizava a sociedade até meados do século XX; as novas relações que a sociedade estabelece com a tecnologia, de onde resulta a hegemonia do entretenimento sobre o saber e da imagem e do som sobre a escrita, configurando novos modos de ver a vida e o mundo, de se posicionar quanto às instituições formadoras, representadas social e culturalmente por família, igreja, escola, partidos etc.; a transformação da relação entre a escola e a comunicação ao longo da história recente, implica em atitudes pedagógicas muitas vezes complexas e conflituosas.

Na visão de Sousa, são essas mediações que atuam na resignificação do lugar da escola, professores, alunos e “das práticas e estratégias didático-pedagógicas, em um processo de lenta negociação e que já se torna perceptível em seus traços nos diversos conflitos que vemos emergir no ambiente escolar” (2006:122).

A escola é vista pelo autor (SOUSA, 2006:131) como um local de manifestação desses conflitos:

Nesse contexto, a escola passou a ser o agente da hegemonia da escrita, do saber, da razão e também, por outro lado, começou, paulatinamente, a ser um espaço de rejeição às outras formas de aquisição do conhecimento. A imagem e outras maneiras mais lúdicas e intuitivas de apreensão do saber foram as que mais sofreram por essa descaracterização (...). Nesse sentido podemos dizer que a escola foi um dos agentes mais importantes da hegemonia da escrita e da exclusão do que chamamos atualmente de audiovisual (escrita+imagem+som) como espaço de aprendizado.

A metáfora que envolve os conceitos de “nativos e imigrantes digitais” do americano Marc Prensky, quanto ao processo de aprendizagem de crianças e jovens, destaca a distância entre gerações, afinal, “nativos e imigrantes digitais são termos que explicam as diferenças culturais entre os que cresceram com a era digital ou não” (2010:39).

4 *YouTube*: site que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital.

5 *MSN Messenger* é um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation. O serviço permite falar com uma pessoa através de conversas instantâneas pela Internet em tempo real.

A noção de que os jovens vivem na manifesta *e-life* é apontada pelo americano como um dos grandes desafios da escola formal na medida em que os alunos que se naturalizaram com as novas tecnologias se transformaram em verdadeiros “especialistas”.

Citelli (2012) em “Inflexões Educomunicativas” traz à discussão as ligações entre comunicação e educação enfatizando a análise para a difusão dos aparatos midiáticos e tecnológicos na escola tradicional “tal processo deve demandar análise mais fina, pois os vínculos da educação formal com aqueles dispositivos de comunicação demonstram aspectos positivos e, também, uma série de problemas” (2012:8).

Ao resgatar o sentido histórico dos processos formadores e contraditórios da sociedade brasileira, a tal da modernização, em termos socioeconômicos, pontua sua observação acerca da apropriação social do conhecimento processado em sala de aula.

É imperioso reconhecer que a dupla educação formal e novas tecnologias – uma das vertentes da modernização – apresentam singularidades que espriam seja na questão do acesso propriamente dito aos dispositivos da comunicação, seja na orientação do sensório das gerações mais jovens. Noutros termos, os circuitos do aprendizado devem ancorar-se não apenas nas metodologias tradicionais – sem atribuir ao termo nenhuma carga negativa, apenas sinalizando um tipo de práxis de que servem como exemplos os procedimentos enciclopédicos e transmissivos – mas, podem ser ampliados tendo em mira o conjunto de possibilidades que se abrem para o acesso ao conhecimento e à informação (CITELLI, 2012:8).

O autor discorre sobre as divergências de opiniões quanto à entrada dos meios de comunicação em sala, compreendendo tanto os computadores como outros suportes digitais. Em sua análise, de um lado, encontramos aqueles para quem eles se justificam na aparente superação de um conjunto de problemas impregnados no sistema escolar, incluindo condições inadequadas ao exercício da função docente e formações desqualificadas. Para outros, o uso destes recursos refletem que “as instituições educativas encarnam o medo de enfrentar os desafios propostos pelo mundo contemporâneo, em sua complexidade sociotécnica” (2012:9).

A dicotomia acima expõe com precisão a defesa do autor quanto à seguinte evidência: a privação de materiais e o desacerto da cultura institucional que centraliza na figura do professor alguém para manter os procedimentos sancionados pela tradição didático-pedagógica, não despertando assim maiores interesses no desenvolvimento de estratégias educativas

aos requisitos do novo cenário social.

Citelli elucida que a escola pode e deve proceder à incorporação dos recursos tecnológicos, sejam eles digitais ou não, sem, no entanto, cair no perigoso reducionismo tecnicista.

Nesta direção, resgatamos Martín-Barbero para quem:

Os meios de comunicação e as tecnologias da informação significam para a escola em primeiro lugar isto: um desafio cultural, que torna visível a distância cada dia maior entre a cultura ensinada pelos professores e aquela outra aprendida pelos alunos. Pois os meios não só descentram as formas de transmissão e circulação do saber como também constituem um decisivo âmbito de socialização através dos mecanismos de identificação/projeção de estilos de vida, comportamentos, padrões de gosto. E apenas a partir da compreensão da tecnicidade mediática como dimensão estratégica da cultura que a escola pode inserir-se nos processos de mudança que atravessam a nossa sociedade (BARBERO, 1996:19).

Com vistas a exemplificar como isto ocorre na realidade, apresentarei recortes de minha pesquisa acerca das linguagens da comunicação no universo escolar, realizada no Ensino Fundamental do município de Barueri, grande São Paulo, e, em que medida, comprova-se as dificuldades apresentadas por meio da midiatização neste ambiente.

3.1 As linguagens da comunicação em sala de aula: o exemplo do município de Barueri (SP)

Em se tratando do uso das linguagens da comunicação, especificamente do jornalismo e publicidade, faço um breve cotejo acerca de minha dissertação de mestrado⁶ que trata desta temática, no Ensino Fundamental do município de Barueri, região metropolitana de São Paulo.

Os textos do jornalismo e publicidade materializam as características desta época com mensagens fortemente marcadas por símbolos, imagens, fontes audiovisuais, em uma sincronia que concorre com os saberes ditos institucionais.

A pesquisa foi acerca da interface entre comunicação e educação, verificando como as linguagens da comunicação - jornalística e publicitária - estão atreladas à prática pedagógica dos docentes de Língua

6 Dissertação "Linguagens da Comunicação: Jornalismo e publicidade no Ensino Fundamental de Barueri-SP defendida em outubro de 2012 na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) sob orientação de Adilson Citelli.

Portuguesa frente a discentes com idades aproximadas de 13 a 15 anos, matriculados nos últimos anos do ciclo final, do Ensino Fundamental em Barueri.

O processo investigativo se pautou, entre outros itens, nas relações deste professor com as mídias, sua percepção diante do contexto local quanto à inter-relação entre comunicação e educação, bem como na sua interpretação das novas formas de construção dos sentidos, proporcionadas pelos diálogos entre essas linguagens.

Os sujeitos da pesquisa quali-quantitativa foram os professores de Língua Portuguesa dos anos finais (8º e 9º) do Ensino Fundamental, com a inserção de depoimentos de alunos.

Entre os relatos dos professores e os depoimentos dos discentes encontramos conflitos. O pano de fundo perpassa a questão do uso tecnológico na escola e as ações pedagógicas com o jornalismo ou publicidade em sala de aula. Observamos um aspecto cada vez mais emergente: a necessidade de diálogos entre gerações de contextos sócio-históricos diferentes.

Se, de um lado, encontra-se um docente que, quer seja pelo sistema, currículo ou vontade, perpetua uma prática didática que não considera a chamada tecnicidade junto aos infantojuvenis, que resiste à noção, tal como postula Jesús Martín-Barbero (2006), de que o computador nos coloca frente a um novo tipo de textualidade, com escritas e suportes que facilitam a oralidade e a leitura dos mais jovens, de outro, estão os jovens, sedentos por atividades pedagógicas que contribuam cada vez mais com este universo digital nos quais estão imersos.

É nas novas gerações que essa cumplicidade opera mais fortemente, não porque os jovens não saibam ler ou leiam pouco, mas, sim, porque sua leitura já não tem o livro como eixo e centro da cultura. Deste modo é a própria noção de leitura que está em questão, obrigando-nos a pensar a desordem estética que as escritas eletrônicas e a experiência audiovisual introduzem (BARBERO, 2006:7).

Não é possível ignorar, estas alterações de linguagem, escrita, leitura e concepção estética advindas com os movimentos da internet. Essas experimentações, tão comuns às crianças e adolescentes, estão cada vez mais presentes em sala de aula, obrigando os educadores a repensarem seus métodos.

Conclusão

A pesquisa demonstrou que no sistema educacional do referido município, a cultura escrita continua

hegemônica na preferência docente para ações pedagógicas com a comunicação, orientados pelos planos de ensino e objetivos da disciplina; entretanto, apesar desta predominância, há concorrência com as outras linguagens (audiovisual, digital) neste espaço, inseridas em larga escala pelos alunos.

Neste sentido, a idade dos discentes pesquisados (média de 13 a 15 anos) provoca uma dicotomia no comportamento dos professores: de um lado, eles se veem obrigados a modificar sua prática e a se apropriar mais dos dispositivos, meios comunicacionais e recursos tecnológicos e, de outro, mostram-se inseguros na tentativa de agradar um público cujas características comportamentais e facilidades no manuseio dos aparatos acabam gerando conflitos.

Neste contexto, o município de Barueri, pelos índices verificados, apresenta condições (educacionais, culturais e econômicas) para implementar ações voltadas à interface comunicação e educação. A investigação apontou algumas indicações, tais como: a melhoria dos cursos de formação docente continuada, reflexões sobre a estrutura curricular e orientações didáticas para o uso dos gêneros jornalísticos e publicitários da esfera digital, entre outras.

Para além das contradições físicas estruturais e metodológicas, da instituição governamental até a escolar parece que o mundo editado pelos meios comunicacionais se sobrepõem à dita realidade - não basta reduzirmos a aspectos quantitativos o tratamento educacional. O impasse colocado por Edgar Morin (2002) é vivenciado na prática: *não se pode reformar a instituição sem uma prévia reforma das mentes, mas não se podem reformar as mentes sem uma prévia reforma das instituições.*

Para o francês, a noção de um ensino educativo significa uma educação que favoreça o entendimento de uma cultura focada na condição para o pensar aberto e livre, e não no caráter transmissivo, aproximada à concepção brasileira freiriana para a busca do aprimoramento das capacidades intelectuais à autonomia do pensamento.

Enfim, o reconhecimento da existência de novos configuradores culturais, para um número considerável de docentes e maioria dos discentes, que se traduzem em linguagens, dispositivos não institucionais, da própria mídiatização e das TIC's, são pontos essenciais para diálogos, questionamentos e incorporações à educação formal sejam do universo analógico ou digital.

Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Santa Catarina: Argos, 2009.
- CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CITELLI, Odair, Adilson. 'Inflexões Educomunicativas'. *Revista Comunicação e Educação*. São Paulo: Paulinas, v.17, no.1, 2012.
- FAUSTO NETO, Antônio. *Midiatização, prática social, prática de sentido*. Paper. Bogotá: Seminário Mediatização, 2006.
- FISCHER, Rosa Maria B. *O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV*. Revista Educação e Pesquisa. São Paulo: v.28, nº 1, p.151-162, jan./jun. 2002.
- JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.
- LUHMANN, Niklas. *A realidade dos meios de comunicação*. São Paulo: Paulus, 2005.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. "Uma aventura epistemológica". *Revista Matrizes*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. São Paulo: Paulus. Ano 2. no 2. Primeiro semestre de 2009. p.151-152.
- _____. *Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século*. In: MORAES, Dênis de (org.). Sociedade Midiatizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- _____. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. "Heredando El futuro. Pensar la educación desde la comunicación". *Revista Nómas*. Bogotá: Fundación Universidad Central, 1996.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- PRENSKY, Marc. "O aluno virou o especialista". Entrevista *Revista Época*. Editora Globo, edição 634, julho 2010. Disponível em: <www.revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI153918-15224,00-MARC+PRENSKY+O+ALUNO+VIROU+O+ESPECIALISTA.html>. Acesso em 29 de dez. 2014.
- SOUSA, Mauro Wilton de. (Org.). *Recepção mediática e espaço público: novos olhares*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- SODRÉ, Muniz. "Eticidade, campo comunicacional e mídiatização". In: MORAES, Denis. *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- _____. "Sobre a epistême comunicacional". *Revista Matrizes*, no.1, outubro, 2007, p.15-26).
- THOMPSON, John Brookshire. *A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2011.
- VATTIMO, Gianni. *A sociedade transparente*. Lisboa: Ed. Relógio D'água, 1992.